

FUNDAMENTOS DE UM CAMPO DISCIPLINAR: PERSPECTIVAS SOBRE O DESENVOLVIMENTO DA TEORIA DA MUSEOLOGIA NO ÂMBITO DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DA UNIRIO

Bruno Brulon - UniRio¹

Elizabeth de Castro Mendonça - UniRio²

RESUMO:

A partir da análise do papel da Teoria Museológica nos currículos dos Cursos de Museologia da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, a pesquisa tem os objetivos de mapear as diferentes perspectivas teóricas que compuseram os projetos pedagógicos dos citados Cursos, e discutir os fundamentos da formação em Museologia a partir do caso do Rio de Janeiro. O artigo defende a hipótese de que a busca por legitimação dos cursos de Museologia, ainda no século XX, no Brasil, teria levado os pensadores do campo a divulgarem no país conhecimentos reconhecidos internacionalmente como Teoria da Museologia (ou Teoria Museológica), ao introduzi-los nos currículos dos cursos.

PALAVRAS-CHAVE:

Museologia. Teoria Museológica. Formação. Cursos de Museologia.

The foundations of a disciplinary field: perspectives on the development of the Theory of Museology in the undergraduate courses of UNIRIO

ABSTRACT:

Analyzing the role of the Theory of Museology in the curricula of the Museology Courses at the Federal University of the State of Rio de Janeiro – UNIRIO the present research aims to map the different theoretical approaches that have configured the Courses' teaching projects, and to discuss the pillars of the Museology training in Rio de Janeiro. The paper sustains the hypothesis according to which the process of legitimation of the Museology courses in Brazil, in the 20th century, have influenced the thinkers of the field to disseminate in the country the knowledge internationally known as the Theory of Museology by introducing it in the courses curricula.

KEYWORDS: MUSEOLOGY.

Theory of Museology, Training, Museology Courses.

¹ Bacharel em Museologia e bacharel e licenciado em História, Mestre em Museologia e Patrimônio, Doutor em Antropologia. Professor do Departamento de Estudos e Processos Museológicos da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. **E-mail:** brunobrulon@gmail.com.

² Bacharel em Museologia, Mestre e Doutora em Artes Visuais. Professora do Departamento de Estudos e Processos Museológicos e do Programa de Pós-Graduação em Museologia e Patrimônio da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO e do Programa de Pós-Graduação em Arqueologia da Universidade Federal de Sergipe – UFS. **E-mail:** elizabethemendonca@unirio.br.

“...one thing is certain: somewhere in the future individual witnessings and annunciations will merge into a compact system ...”¹

(Tomislav Šola, 1984)

Historicamente, a concepção da Museologia como disciplina científica independente esteve atrelada à busca concomitante por uma Teoria Museológica entendida como um sistema compacto de conhecimentos integrados. A corrente mais conhecida por sustentar tal perspectiva, proveniente de países do leste europeu e da Europa central, chegou ao Brasil entre os anos 1970 e 1980 e aqui se desenvolveu a partir do processo de legitimação dos primeiros cursos universitários de Museologia no país.

O presente artigo defende a hipótese de que a busca por legitimação dos cursos de Museologia, ainda nas últimas décadas do século XX, no Brasil, teria levado os principais pensadores do campo a divulgarem no país os conhecimentos reconhecidos internacionalmente como Teoria da Museologia (ou Teoria Museológica), ao introduzi-los nos currículos desses mesmos cursos, aplicando-os e ajustando-os aos conteúdos voltados aos processos socioculturais locais.

A partir da análise do caso particular do Curso do Rio de Janeiro, incorporado, na década de 1970, à estrutura acadêmica da atual Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO, buscamos apresentar o desenvolvimento da Teoria Museológica como vem sendo lecionada nessa instituição, enfatizando as suas características próprias e os diálogos com ‘outras teorias’ que foram estabelecidos ao longo dos anos. Tal estudo envolveu primordialmente a pesquisa com os documentos do Curso e, mais especificamente, os sucessivos projetos de Reformulação Curricular apresentados em diversos momentos da sua história, bem como as ementas e conteúdos programáticos que os acompanham.

A presente pesquisa não tem como objetivo o de defender a existência de um corpo teórico sustentador da Museologia no Brasil, mas o de buscar entender como a ‘crença’ na existência latente de tal Teoria levou à estruturação do Curso de Museologia citado. Tratou-se de investigar como o corpo de conhecimentos existente foi interpretado e como ele vem estruturando os currículos do Curso e a formação em Museologia. A existência de uma Teoria Museológica no Curso de Museologia da UNIRIO está incontestavelmente atrelada às perspectivas diversas que foram disseminadas e sistematicamente ensinadas pelos pensadores desse Curso, primeiro do gênero no país e na América do Sul, nos anos de sua existência.

I. A formação em Museologia no Rio de Janeiro: entre teoria e prática

O termo “Museologia” (inicialmente escrito como “*Museologia*”) aparece pela primeira vez no Brasil em documentos do Curso de Museus do Museu Histórico Nacional – MHN, ainda em meados da década de 1930, no Rio de Janeiro (Brulon-Soares, Carvalho, Cruz, 2014). Tendo sido criado para responder a uma demanda do próprio MHN por profissionais com formação especializada para atuar nessa instituição, o Curso de Museus se caracteriza nessa década pelo perfil marcadamente técnico de seus conteúdos que tratavam quase que

¹ “...uma coisa é certa: em algum lugar no futuro os testemunhos e anúncios individuais irão fundir em um sistema compacto...” (tradução nossa).

Fundamentos de um campo disciplinar:

perspectivas sobre o desenvolvimento da Teoria da Museologia no âmbito dos cursos de graduação da UNIRIO

exclusivamente dos diferentes tipos de acervos existentes no MHN. A partir de 1933, Gustavo Barroso (1888-1959), então diretor do MHN e do Curso de Museus, passa a ministrar a disciplina Técnica de Museus, primeira cadeira do Curso que tratou dos aspectos técnicos da prática em museus de modo geral².

O número da revista *Les Cahiers de la République des Lettres des Sciences et des Arts*, de Paris, único testemunho existente dos conteúdos iniciais da disciplina Técnica de Museus, consultado por Barroso para a sua formulação, tratava de questões centrais para o campo dos museus no início da década de 1930, apresentando “concepções museográficas” diversas e contemplando temas modernos como a função da “educação social”, a “utilização científica das coleções” e o papel dos museus nacionais como “instrumentos de propaganda” (D’Espezel & Hilaire, 1931: 5-12).

Com a primeira Reformulação estrutural do Curso, em 1944, a disciplina Técnica de Museus foi ampliada para os três anos de duração do mesmo. Em 1946, Barroso publica a obra *Introdução à Técnica de Museus* (1946), em dois volumes, sistematizando os conhecimentos desenvolvidos ao longo dos anos na disciplina. A partir dessa obra, seria o próprio Barroso o responsável por introduzir no contexto brasileiro – com base nos referenciais disseminados por publicações internacionais³ – os conceitos ainda indefinidos de “Museologia” e “Museografia”, em relação à noção preconizada por ele até então de “Técnica de Museus”.

No contexto internacional em que diversas publicações apresentavam textos voltados para a prática em museus, os termos “Museologia” e “Museografia” começavam a aparecer com mais frequência, ainda que apresentassem contornos imprecisos. Com a criação do Conselho Internacional de Museus – ICOM, em 1946, uma maior aderência a esses termos iria se manifestar, e a predominância do termo “museologia” ficaria marcada por ser este termo mais usado entre os profissionais dos museus de ciências (Mairesse & Desvallées, 2011). No entanto, apenas na década seguinte iriam se apresentar tentativas efetivas de defini-los precisamente.

Em setembro de 1958, um estágio oficial organizado pela UNESCO, pelo ICOM e por autoridades e especialistas do Brasil, sobre a Função Educativa dos Museus, na cidade do Rio de Janeiro, levaria ao amplo debate sobre os termos fundadores do campo. Como resultado dos debates ocorridos nessa ocasião, Georges Henri Rivière, então diretor do ICOM, propôs a definição de Museologia como “a ciência que tem como fim o estudo da missão e organização do museu” e de Museografia como “o conjunto de técnicas em relação com a museologia”⁴. A definição redigida por Rivière consagra a separação entre uma via prática (a Museografia) e seus aspectos teóricos (a Museologia) (Mairesse & Desvallées,

2 O programa da disciplina em 1934 era dividido em três partes: organização, arrumação, catalogação e classificação. Cf. BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Museu Histórico Nacional. *Instruções para matrículas no Curso de Museus*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

3 Principalmente aquelas disseminadas pelo *Office international des musées* – OIM (Escritório Internacional de Museus) nos anos 1920 e 1930, como por exemplo a revista *Museion*, publicada a partir de 1927.

4 No seu relatório sobre o evento, publicado em 1960, Rivière apresenta as definições fundamentais dos três termos, para o entendimento das conclusões do seminário, a saber, “Museu”, “Museologia” e “Museografia”. A primeira retirada dos estatutos do ICOM em vigor, enquanto as duas últimas baseadas nos debates ocorridos nas sessões do seminário (Rivière, 1960).

2011: 352). No entanto, a separação conceitual entre Museologia e Museografia ainda estava longe de ser clara, e seria aprofundada nos anos seguintes.

Progressivamente, ao longo da segunda metade do século XX, a Museologia passava a ser vista como um corpo de conhecimentos teóricos e práticos, e a Museografia como uma área subsidiária que comporta um conjunto de técnicas dependentes do conhecimento museológico. No Curso de Museus, e sobretudo posteriormente no Curso de Museologia da UNIRIO, essa diferença conceitual seria interpretada e assimilada nos currículos, sendo a Museologia considerada como o termo mais abrangente para abarcar o que mais tarde se chamaria de Teoria Museológica e a Museografia, que continuaria a ser entendida como todo o conjunto de práticas estruturado pela teoria existente.

2. Os Currículos do Curso da UNIRIO e um novo modelo teórico-prático de Museologia

Até o final da década de 1960 e início da seguinte se desenvolvem tentativas de se oficializar o uso do termo “Museologia” na nomenclatura do antigo Curso de Museus⁵. Em 1970, uma Resolução do Conselho Federal de Educação⁶ estabelece os primeiros Currículos Mínimos⁷ para cursos de “Museologia” no país. Neste documento, entre as disciplinas recomendadas para um “currículo de museologia”, já se colocava a distinção entre a “Museologia Teórica” e as “Práticas” dos museus. Tal divisão seria adotada pelo Curso do Rio de Janeiro quando, ao longo dessa mesma década, são criadas as disciplinas de Museologia Geral, Museologia e Museografia.

Ainda nomeado Curso de Museus, o curso do Rio de Janeiro, em meados da década de 1970, passava por uma importante reformulação, que teria como base o novo Regimento aprovando para o Curso pelo Conselho Federal de Educação, em 6 de dezembro de 1974. Esse Regimento apresentava uma concepção mais ampla e engajada dos museus e priorizava a formação em Museologia. Abandonando a antiga divisão em habilitações de Museus Históricos, Artísticos, Científicos e Escolares Polivalentes, o Curso passa a oferecer uma formação integrada, envolvendo estágios e organização de exposições como partes obrigatórias do novo currículo (Sá, 2007), bem como uma perspectiva mais conceitual do estudo de museus que se refletiu nas novas denominações das disciplinas.

O exemplo que aqui mais nos interessa refere-se à Técnica de Museus, que constituía o cerne do Curso e é, então, desmembrada em várias disciplinas

5 Em 1968, o então diretor do MHN, Léo Fonseca e Silva, empenhou-se em mudar a denominação do Curso de Museus para Faculdade de Museologia, tendo encaminhado esta proposta à Câmara de Planejamento do Conselho Federal de Educação. A Câmara pronunciou-se contrária ao projeto de mudança de nome, justificando a necessidade de o Curso estar vinculado a uma universidade e não a uma instituição cultural. É, então, providenciado pelo próprio Fonseca e Silva o anteprojeto de uma Escola Superior de Museologia, que seria apresentado em 1970 ao Conselho Federativo da recém-criada Federação das Escolas Federais Isoladas do Estado da Guanabara – FEFIEG, que em 5 de junho de 1979 foi institucionalizada com o nome de Universidade do Rio de Janeiro – UNIRIO, e, em 24 de outubro de 2003, teve o seu nome alterado para Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, sendo a sigla mantida (Sá, 2007).

6 Cf. BRASIL. Conselho Federal de Educação. *Currículos Mínimos cuja observância é obrigatória a partir do ano letivo de 1970*. Resolução C.F.E. 14, de 27 de fevereiro de 1970.

7 O estabelecimento de currículos mínimos fazia parte de um projeto do Ministério da Educação e Cultura de reorganizar o ensino superior através da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB), de 1961.

Fundamentos de um campo disciplinar:
perspectivas sobre o desenvolvimento da Teoria da Museologia no âmbito dos cursos de graduação da UNIRIO

de Museologia e Museografia (separadas sistematicamente), correspondendo à teoria e à prática museológicas. Tereza Scheiner, professora do curso desde início da década de 1970, seria a principal responsável, nesse momento, por reformular e ampliar essas disciplinas que estruturaram a formação em Museologia até o presente (Sá, 2007: 35). Esse modelo adotado pelo Curso de Museologia da UNIRIO foi posteriormente incorporado no então recém criado Curso de Museologia da Universidade Federal da Bahia – UFBA, e em outros cursos que seriam criados seguindo esse modelo teórico-prático.

2.1 Os Currículos vigentes nos anos 1970 e 1980 e a introdução da Teoria Museológica no Brasil

Diversas pequenas mudanças na estrutura do Curso de Museus ao longo da primeira metade da década de 1970 iriam culminar com a introdução definitiva de disciplinas dedicadas à Museologia teórica nos currículos adotados a partir de então. Na matriz curricular experimental proposta no ano de 1970 são introduzidas duas disciplinas intituladas de Museologia Teórica I e II⁸ (do primeiro ano do Curso), que antecederiam a também recém criada disciplina de Museologia (do segundo ano) (Sá, Tostes, Martins, 2012-2013), estas equivaleriam, junto à disciplina de Museografia, à antiga Técnica de Museus (Parte Geral) da matriz curricular do ano de 1967.

A partir da matriz curricular de 1971, observa-se que é mantida a disciplina Museologia (no primeiro ano) e tem-se o retorno da disciplina Técnica de Museus (no segundo ano do curso). No mesmo ano, uma nova mudança iria transformar as duas disciplinas em Técnica de Museus I e II. Enquanto o programa da segunda disciplina estava voltado para uma série de diferentes técnicas ligadas a classificação, registro, acondicionamento, coleção, restauração, etc., a Técnica em Museus I estava dividido em três partes: (1) Museologia, em que se apresentavam noções da organização, arrumação, catalogação e restauração (parte Geral), além de noções de cronologia, epigrafia, paleografia, diplomática, bibliografia e iconografia (parte Básica); (2) Museografia, dividida em dois módulos voltados para noções relativas a Museus Históricos e Museus Artísticos; e (3) Parte aplicada, em que se ensinavam diferentes técnicas e estudos comparativos com base em coleções de Museus Históricos e Artísticos (Sá, Tostes, Martins, 2012-2013). Na matriz curricular proposta em 1973, essas mesmas duas disciplinas antecederiam as disciplinas Museografia I e II, e disciplinas intituladas de Museologia seriam aquelas voltadas a tipos de acervos específicos, tais como Museologia: Mobiliário e Museologia: Arte Sacra. Em 1974, desaparecem mais uma vez as disciplinas de Técnica de Museus, e passam a existir quatro disciplinas das chamadas Museografia (I a IV).

Esse é o momento em que no Brasil e no mundo os termos “Museologia” e “Museografia” ainda apresentavam imprecisões em seus usos, mesmo nos cursos especializados. No entanto, cabe apontar que são nos programas de Museografia adotados na primeira metade da década de 1970, no Curso de Museus, onde começam a aparecer os primeiros conteúdos relacionados ao que considera-se hoje como Teoria Museológica. O programa de Museografia

8 Os conteúdos nelas ministrados não puderam ser identificados na pesquisa, visto que não foram encontrados os programas das disciplinas.

I, do ano de 1974, apresenta tópicos como a “definição” do museu, a “evolução da ideia de Museus”, “o papel do museu na sociedade moderna”, entre outros. A bibliografia adotada incluía a obra *Introdução à Técnica de Museus*, de Gustavo Barroso, e o livro *Museus Brasileiros*, de Fernanda Camargo de Almeida, ex-aluna do Curso, além de textos da UNESCO e as Revistas *Museum*⁹.

Finalmente, uma nova reformulação curricular é consolidada em 1975 introduzindo cinco disciplinas intituladas Museologia (I a V), além de três disciplinas intituladas Museografia (I a III) e a Museologia VII¹⁰ e Museografia IV voltadas à Exposição Curricular. O Curso passava a entender a Museologia como o campo mais amplo que abarcava conhecimentos teóricos e a Museografia como o conjunto de práticas ligadas a esses conhecimentos. Curiosamente, os programas de Museologia eram exatamente os mesmos daqueles adotados como os programas das disciplinas de Museografia no currículo anterior – apenas o nome da disciplina é alterado, manualmente, no alto da página, para “Museologia”.

Obedecendo ao que havia sido determinado pelo Regimento de 1974 sobre os Currículos Mínimos para o Curso, um perfil mais claro é traçado para cada uma das disciplinas de Museologia: a Museologia I reuniria os conhecimentos sobre a definição do museu e suas características, o prédio do museu e sua Arquitetura, a aquisição de coleções e a formação de acervo; a Museologia II trataria especificamente do “registro, tombamento e catalogação” de objetos, e dos conceitos da exposição; a Museologia III tratava do “planejamento educativo e cultural dos museus”; a Museologia IV, da relação entre o museu e o público e da “comunicação nos museus”; e a Museologia V, dos “museus especializados e seus recursos e técnicas” (Sá, Tostes, Martins, 2012-2013).

A partir de 1977, na gestão de Diógenes Vianna Guerra (1977-1985), tem início o efetivo processo de incorporação do Curso de Museus à estrutura universitária. Em 1979 ele já havia sido transferido para o novo prédio do Centro de Ciências Humanas da então Universidade do Rio de Janeiro (UNIRIO)¹¹, passando a se chamar oficialmente Curso de Museologia. A Teoria Museológica passaria a ter um espaço expressivo nos currículos adotados desde então, constituindo o eixo fundamental dos conteúdos do Curso e notadamente aqueles das disciplinas de Museologia.

Não se pode ignorar que, paralelamente, no contexto internacional, foi também no final da década de 1970 que começou a se organizar a produção sistemática de estudos em Teoria Museológica a partir da criação do Comitê Internacional de Museologia – ICOFOM do ICOM. No cenário em que se buscava desenvolver uma discussão específica sobre a museologia e o seu caráter epistêmico localizada principalmente na produção de autores da Europa do leste, o ICOFOM foi criado por uma iniciativa de Jan Jelínek (1926-2004), então presidente do ICOM, e interessado nos problemas da interdisciplinaridade do

9 Revista editada pela UNESCO, trimestralmente, desde 1948.

10 Curiosamente, a disciplina Museologia VI só apareceria na matriz curricular a partir do ano de 1978, quando o currículo do Curso passa por pequenas alterações visando a vinculação à universidade.

11 A UNIRIO passa a ter os cursos de Museologia, Biblioteconomia e Arquivologia, entre outros, provenientes de cursos já renomados em outras instituições – como era o caso do Curso de Museus – e estes permanecem até o presente de forma autônoma mantendo as suas especificidades, embora incorporados ao mesmo Centro de Ciências Humanas.

Fundamentos de um campo disciplinar:
perspectivas sobre o desenvolvimento da Teoria da Museologia no âmbito dos cursos de graduação da UNIRIO

trabalho museal¹². O principal objetivo do Comitê era o de desenvolver as diversas definições de “Museologia” já existentes através de pesquisas teóricas, mas, sobretudo, o de estabelecer a Museologia como uma disciplina científica. Essa perspectiva também ganharia os corações de alguns teóricos brasileiros sendo posteriormente inserida nos currículos dos cursos e nos debates nacionais.

Marcadamente sob a influência de uma corrente específica da museologia do leste europeu, que havia nascido entre as décadas de 1950 e 1960, na República Tcheca, a perspectiva *icofomiana* se constituiu como o resultado de sucessivas trocas entre as interpretações da museologia em diferentes partes do mundo. A Museologia brasileira que se constituía nos anos 1980, por meio do contato de alguns pensadores com essa corrente e da reinterpretação da teoria proposta por Zbyněk Z. Stránský¹³, se tornou, então, uma das principais herdeiras dessa produção, que, ao longo dos anos, perdeu a sua hegemonia no resto do mundo para outras correntes sem que o mesmo acontecesse no Brasil.

A abordagem deliberadamente científica – e inovadora para a época – adotada pelo ICOFOM, que nesse momento tinha uma maioria de membros proveniente do leste europeu, se concretizou (de forma intencional ou não) em contraposição a uma abordagem anglo-saxônica, hegemônica em alguns países do hemisfério norte e sobretudo na Inglaterra, que se diferenciava notadamente por estar atrelada a um sistema de ensino universitário¹⁴ e que era reconhecida como *museum studies* (ou estudos museais). A abordagem do ICOFOM desde sua fundação apresentou-se como fortemente diferente, tomando como tema de debate (e de suas publicações) questões como “Museologia: ciência ou trabalho prático?”, “Museologia e interdisciplinaridade” ou “Metodologia da museologia”, e declarava-se assim instituir a Museologia como uma ciência em formação, para além de um conjunto de estudos sobre os museus.

Essa abordagem, que buscava pensar os fundamentos de uma Museologia científica, ganhou ênfase nos primeiros quinze anos do comitê, mas havia começado a ser pensada no leste europeu a partir dos anos 1950, particularmente por russos, alemães orientais, poloneses e tchecos. A Museologia disseminada pelo ICOFOM, nos primeiros anos de sua existência, ganhou diversos adeptos no Brasil – entre eles, a professora Tereza Scheiner¹⁵ – uma vez que aqui se buscava legitimar a Museologia como um campo profissional, e este Comitê Internacional, no pensamento de alguns “teóricos” brasileiros, poderia ser visto como um aliado no movimento por legitimação.

12 No presente texto consideramos a distinção semântica entre os termos “museal”, como relativo ao museu, e “museológico”, como relativo à museologia, segundo estabelecido por Desvallées e Mairesse (2011). Cf. DESVALLÉES, André & MAIRESSE, François. *Dictionnaire encyclopédique de muséologie*. Paris : Armand Colin, 2011.

13 Ao longo dos anos 1980, o pensamento teórico de Stránský ganharia visibilidade a partir da tradução de alguns dos seus textos para o inglês e sua publicação pelo ICOFOM. Ele seria reconhecido, então, como o principal proponente de uma museologia científica, considerando os desafios filosóficos e epistemológicos que os pensadores da disciplina deveriam enfrentar para concebê-la como ciência.

14 No momento em que o ICOFOM passava pelos seus primeiros anos de organização, tendo como membros uma maioria de alemães (ocidentais e orientais), russos, tchecos, dinamarqueses, holandeses e brasileiros, a perspectiva anglo-saxônica se desenvolvia em universidades como Leicester ou Newark.

15 Antes de Tereza Scheiner se tornar membro do ICOFOM, outros brasileiros como Fernanda de Camargo e Almeida Moro e Waldisa Russio Camargo Guarnieri já haviam contribuído com o comitê. Nos anos seguintes, nomes como os de Maria Cristina Oliveira Bruno, Marília Xavier Cury, Maria de Lourdes Parreiras Horta e Mário de Souza Chagas apareceriam entre os autores publicados pelo ICOFOM ou como participantes dos eventos anuais do comitê.

A partir dos anos 1980 várias tentativas foram feitas, e ensaios teóricos de cunho filosófico foram escritos almejando a formulação de uma via única de pensamento para se estudar os museus e a Museologia. Tais estudos seriam adotados no Brasil como os referenciais teóricos de uma Museologia que chegava ao ensino universitário almejando formar pensadores e não apenas técnicos de museus¹⁶. Consequentemente, no Curso da UNIRIO, entre o final dos anos 1970 e meados dos anos 1980 as disciplinas de Museologia (I a VII) se identificavam mais claramente como disciplinas de Teoria Museológica. Uma disciplina intitulada Introdução à Teoria Museológica foi criada, em 1986, mas logo foi assimilada à Museologia I. Até hoje, as disciplinas explicitamente reconhecidas por seus conteúdos de Teoria Museológica são aquelas intituladas como “Museologia” nos currículos do Curso.

O processo de transformação curricular seria acentuado na medida em que o Curso de Museologia da UNIRIO e seus professores se adequassem à nova estrutura acadêmica. Em 1985, a departamentalização do Centro de Ciências Humanas, organizando as disciplinas dos vários cursos em departamentos, leva à criação do Departamento de Estudos e Processos Museológicos (DEPM), e em 1991 é criada a Escola de Museologia. O Curso sofreria pequenas alterações, até que, entre novembro de 1995 e agosto de 1996, seria elaborado um novo Projeto de Reformulação Curricular, coordenado por Tereza Scheiner e implantado a partir de 1997.

2.2 A Reformulação Curricular de 1996

A Reformulação Curricular cujo projeto foi coordenado pelas professoras Tereza Scheiner, então diretora da Escola de Museologia, e Maria Gabriella Pantigoso, em 1996, representou a mais significativa assimilação dos conteúdos de Teoria Museológica pelas disciplinas do Curso. As disciplinas que apresentavam os conteúdos de Teoria Museológica abarcavam desde o panorama contemporâneo dos museus na disciplina Museus no mundo contemporâneo, oferecida no primeiro período do curso, e as teorias do patrimônio e a relação entre identidade, memória e patrimônio na Introdução à Museologia, oferecida no segundo período, passando pela Museologia I (terceiro período), que tratava do desenvolvimento da “ideia de Museu na cultura ocidental” e da “Museologia como disciplina científica: objeto, método, posição no sistema das ciências”; a Museologia II (quarto período) que tratava da “Teoria do Objeto”, das “Teorias da percepção” e dos “princípios básicos da Semiologia aplicados ao Museu”; Museologia III (sexto período), tratando da relação “museus, educação e ação comunitária”, do “estudo da função social do Museu e sua relação com grupos sociais”, da relação entre Museologia “educação ambiental e Desenvolvimento Sustentável”;

16 A circulação de publicações apresentando trabalhos de Teoria Museológica tem início também neste período. Entre os anos de 1989 e 1990, a museóloga Maria de Lourdes Parreiras Horta coordenou três volumes do periódico *Cadernos Museológicos*, publicados pela Fundação Nacional Pró-Memória, com uma coletânea de textos selecionados a partir das publicações do ICOFOM, particularmente os *ICOFOM Study Series*, traduzidos pela primeira vez para o português nesta ocasião. Nestes três volumes encontravam-se textos de autores como Desvallées, Sofka, Van Mensch, Sola e Rússio Guarnieri. Cf. *Cadernos Museológicos*, Rio de Janeiro, n. 1, 2 e 3, 1989-1990. Em São Paulo, professores do Instituto de Museologia da FESP, liderados por Waldisa Rússio Guarnieri, publicaram o periódico *Revista de Museologia*, que teve apenas um número, lançado em 1989. Cf. *Revista de Museologia*, São Paulo, ano 1, n. 1, 1989. Entre 1989 e 1992, foi editada a revista *Ciência em Museus*, pelo Museu Paraense Emílio Goeldi, onde foram publicados textos sob influência de publicações do ICOFOM. Cf. *Ciência em Museus*, Belém, v. 1-4, 1989-1992.

Fundamentos de um campo disciplinar:
perspectivas sobre o desenvolvimento da Teoria da Museologia no âmbito dos cursos de graduação da UNIRIO

chegando à Museologia IV (sétimo período) com os conteúdos de “introdução às teorias da Administração e sua aplicabilidade ao planejamento, criação e administração de Museus e centros culturais” (Scheiner & Pantigoso, 1995-1996: 26-32), com destaque para as noções de *marketing* cultural e da ética profissional.

Considerou-se como Teoria Museológica os conteúdos que abarcavam os seguintes temas, segundo apresentado no projeto de Reformulação Curricular:

Museologia como ciência ou disciplina científica, cujo campo de atuação é o Real

Abordagem holista da Museologia – considerando a relação existente entre natureza, Homem, cultura e sociedade

Museu como espaço de saber, como gerador de conhecimentos

Museu e Museologia enquanto processos

Museu como parte integrante dos sistemas de pensamento de cada sociedade, em cada época

Conceito de Patrimônio: Patrimônio integral (natural e cultural) (Scheiner & Pantigoso, 1995-1996).

Buscando evidenciar o caráter científico da Museologia, esse projeto atendeu a reivindicações de alunos e professores pela inclusão no currículo de disciplinas como Filosofia, Sociologia, uma segunda disciplina de Metodologia da Pesquisa, Filosofia da Ciência e Epistemologia. Por outro lado, foram retiradas disciplinas tradicionais que haviam se mantido no currículo do Curso desde que foram introduzidas pelo Curso de Museus, tais como Armaria e Instrumentos de Suplício, Tapetes e Tapeçarias e Meios de Transporte¹⁷.

Entre os objetivos do projeto, buscava-se uma formação que integrasse “experiências de ensino, pesquisa e extensão”, além de “definir linhas de pesquisa” compatíveis com a Museologia que pudessem “levar o formando aos estudos de pós-graduação” (Scheiner & Pantigoso, 1995-1996: 6). Pela primeira vez se estabeleciam linhas de pesquisa para trabalhos monográficos de pesquisa museológica que perpassavam tanto a teoria quanto a prática a ela atrelada.

A reformulação de 1996 se apresentava como fortemente alicerçada em uma fundamentação teórica centrada no referencial da Teoria Museológica, que define a Museologia como ciência ou disciplina científica, e o Museu como “fenômeno cultural”, “como parte integrante dos sistemas de pensamento de cada sociedade, em cada época” (Scheiner & Pantigoso, 1995-1996: 2). Os referenciais teóricos adotados na elaboração do projeto e na reestruturação das disciplinas incluíram as principais obras de autores da Museologia internacional, em particular os franceses, como Georges Henri Rivière, André Desvallées, Jean Davalon e Hugues de Varine, e as publicações periódicas do Comitê Internacional de Museologia – ICOFOM do ICOM. A ênfase no caráter científico da Museologia, adotada nesse novo projeto, não nega uma clara influência do pensamento de autores do leste europeu, particularmente aqueles responsáveis pelo currículo

¹⁷ Além disso, foi recomendado, atendendo a pedidos de alunos, que disciplinas como Indumentária e Mobiliário fossem oferecidos como cursos de extensão.

do curso da Universidade de J. E. Purkyne, em Brno, na República Tcheca¹⁸. Além disso, a elaboração do projeto contou com a análise de obras de literatura específica sobre currículos e programas de Museologia provenientes do Comitê Internacional de Formação de Pessoal para Museus – ICTOP, do ICOM, e da *Reinwardt Academy*, na Holanda¹⁹.

Nos programas de disciplinas criados a partir da reformulação de 1996, os autores que mais aparecem nas bibliografias²⁰ são: Fernanda de Camargo e Almeida Moro, Hugues de Varine-Bohan, Waldisa Russio Camargo Guarnieri, Georges Henri Rivière, Zbynek Stránský, além de dois volumes do *Museological Working Papers*²¹ (1980-1981), *publicações inaugurais do ICOFOM*, e a *Revista Museum* da UNESCO. Outros autores não diretamente ligados ao campo da Museologia aparecem recorrentemente nos programas da década de 1990, entre eles, no campo da Comunicação, Umberto Eco; na Semiologia, Jean Baudrillard e Roland Barthes; na Filosofia, Abraham Moles; na Educação, Paulo Freire.

Entre os principais traços da Teoria Museológica, fica evidenciada a indissociabilidade entre uma “velha” disciplina e a dita “Nova Museologia”, polaridade conceitual disseminada nos anos 1980, e passa-se a entender a contínua evolução da Museologia, como disciplina que “permite a incorporação permanente do novo, a nível teórico” (Scheiner & Pantigoso, 1995-1996: 2). Ao estabelecer os fundamentos da teoria e o lugar da Museologia como disciplina científica, o Currículo que foi implantado efetivamente em 1997 determinou para uma geração de museólogos do século XXI um olhar reflexivo e aberto sobre a Museologia, que influenciaria a formulação dos novos cursos no país e o entendimento da Teoria Museológica no campo acadêmico que se constituía.

2.3 A Reformulação Curricular de 2006 à 2010

Ao assumir a direção da Escola de Museologia em 2005, o professor Ivan Coelho de Sá coloca em prática a mais recente Reformulação Curricular para o Curso da UNIRIO, contando com a ampla participação dos professores e alunos. O projeto de Reformulação Curricular do Curso de Museologia que começa a ser desenvolvido em 2006, é aprovado em 2007 e implantado em 2008, apresentando o objetivo de tornar o curso compatível com as políticas de currículo propostas pelo Ministério da Educação desde 1997²² e com as Diretrizes Curriculares Nacionais, aprovadas em 2001²³. Desde 1997, quando a última

18 Com destaque para a figura tutelar de Stránský, que cria a cadeira de Museologia em Brno, ligada à Faculdade de Filosofia.

19 Tais como REINWARDT STUDIES IN MUSEOLOGY – The Management Needs of Museum Personnel. *Proceedings of the Annual Meeting of ICTOP*, Leiden, Sept. 24/Oct. 2, 1984; e ICOM/ICTOP – Museum Training as Career-long Learning in a Changing World (career development: a shared responsibility). *Proceedings of the Annual Meeting, ICTOP*, Aug. 5/10, 1990, Smithsonian Inst., Washington D.C., USA.

20 Foram consultados os programas disponíveis nos Arquivos da Escola de Museologia e no Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (NUMMUS) na UNIRIO, referentes aos diferentes períodos da década de 1990 a partir do momento em que o novo currículo havia sido implantado. Os autores citados são aqueles que aparecem ao menos duas vezes ou mais nos programas consultados.

21 Documentos de Trabalho em Museologia. Cf. *MUWOP: Museological Working Papers/DOTRAM: Documents de Travail en Muséologie*. Stockholm: ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM; Museum of National Antiquities, 2v, 1980-1981.

22 Cf. BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Orientação para as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação*. Parecer CNE nº 776/97, de 3 de dezembro de 1997.

23 Cf. BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Diretrizes Curriculares para*

Fundamentos de um campo disciplinar:

perspectivas sobre o desenvolvimento da Teoria da Museologia no âmbito dos cursos de graduação da UNIRIO

reformulação havia sido implantada, doze turmas de bacharéis em Museologia haviam se formado, e passados quase dez anos da implantação do Currículo anterior, julgou-se necessário uma avaliação e reformulação atendendo às novas diretrizes.

Pensado por uma Comissão Interna de Reformulação Curricular coordenada pelos professores Ivan Coelho de Sá e Mário de Souza Chagas, o novo projeto pedagógico e a Matriz Curricular propostos se pautaram na reflexão sobre “o processo dinâmico por que atravessaram os museus e a Museologia nos últimos anos, especialmente pela intensificação das relações entre os museus e a sociedade e pela sedimentação da Museologia como campo disciplinar” (Almeida, Sá, Chagas, 2006). As abordagens teóricas que continuaram a fundamentar o curso, passaram a enfatizar as relações da Museologia e dos museus com a sociedade, “construídas a partir de novos sistemas de pensamento”, e as particularidades do contexto museológico brasileiro.

Na nova proposta curricular, foram apresentados eixos programáticos que estruturaram as disciplinas matriciais, sendo estes: (1) Estudos gerais; (2) Museologia específica; (3) Museologia aplicada; (4) Museologia geral; e (5) Pesquisa. As disciplinas com os conteúdos de Teoria Museológica constituíram o eixo (4) Museologia geral. Nesse processo, é, então, ampliado o quadro das disciplinas de Museologia teórica, que no currículo anterior constituíam seis disciplinas apenas, e agora passam a ser um total de oito disciplinas obrigatórias. São disciplinas de Teoria Museológica: Introdução à Museologia (primeiro período); Museologia, patrimônio, memória (primeiro período); Museologia de I a VI (do segundo ao sétimo período) e Museus, cultura e sociedade (sétimo período).

Aos conteúdos que já estavam contemplados no currículo de 1996 – redistribuídos agora em um maior número de disciplinas – foram acrescentados aspectos ligando mais diretamente a teoria à prática museológica contemporânea e, sobretudo, ao contexto brasileiro, tais como a relação entre museus, Museologia e o pensamento social brasileiro (Museologia III), o panorama das experiências nacionais e internacionais no campo dos museus comunitários, ecomuseus, museus de território, dentre outras experiências análogas (Museologia IV), e as políticas culturais e políticas museológicas no Brasil (Museologia V). A disciplina Museus, cultura e sociedade, que é criada inicialmente como obrigatória (e se torna optativa com a alteração curricular de 2010), tem como conteúdo a aplicação à Teoria Museológica da literatura sociológica, antropológica e histórica sobre a construção sociocultural do Brasil contemporâneo (Almeida, Sá, Chagas, 2006).

Entre os referenciais teóricos utilizados no projeto, se mantiveram os nomes de autores internacionais como Georges Henri Rivièr e André Desvallées, e foram incorporados outros como Peter van Mensch e Tomislav Šola. Os estudos publicados pelos comitês especializados do ICOM, em especial o ICOFOM, pela sua contribuição significativa à construção de uma Museologia disciplinar (Almeida, Sá, Chagas, 2006: 37), se mantiveram entre as referências fundamentais do projeto, com destaque para as obras de André Desvallées, Mathilde Bellaigue e Tereza Scheiner como os principais sintetizadores das teorias estruturantes do campo.

No Brasil, foram apontados como contribuições relevantes os estudos reflexivos de Regina Real, Heloísa Alberto Torres, Guy de Hollanda, Florisvaldo dos Santos Trigueiros, Mário Barata, Waldisa Russio Camargo Guarnieri, Ulpiano Bezerra de Menezes, Maria Cristina Oliveira Bruno, Tereza Scheiner, Mário de Souza Chagas, Maria Célia Moura Santos, Marília Xavier Cury e Margareth Lopes (Almeida, Sá, Chagas, 2006: 39). Contemplando a relação da Museologia com outras disciplinas no campo das Ciências Sociais, o projeto de 2006 incluía no escopo dos referenciais teóricos para a Museologia nomes emblemáticos como os de Mário de Andrade, Rodrigo de Mello Franco de Andrade e Gilberto Freyre.

Nos programas de disciplinas consultados, os autores que mais aparecem nas bibliografias²⁴ são: Maria Cristina Oliveira Bruno, Waldisa Russio Camargo Guarnieri, Suely Moraes Cerávolo, Tereza Scheiner, Mário de Souza Chagas, Marília Xavier Cury, Duncan Cameron, André Desvallées, Peter van Mensch, Hugues de Varine, Bernard Deloche, Jan Dolák, Roland Schaer, além das publicações do ICOM e da UNESCO já citadas. Entre os autores ligados a outros campos do conhecimento, destacam-se: na Semiologia, Jean Baudrillard; nas Ciências Sociais, Pierre Bourdieu e Michael Pollak; na História, Dominique Poulot e Jacques Le Goff, na Antropologia, Regina Abreu e José Reginaldo Gonçalves, nos estudos da Memória, Andréas Huyssen, Maurice Halbwachs e Pierre Nora; nos estudos do Patrimônio, Françoise Choay. Observa-se claramente um aumento no número de autores brasileiros no campo da Museologia, e sobretudo produzindo obras interpretadas como de Teoria Museológica, em comparação com os autores citados nos programas da década de 1990. Além disso, a inserção de autores de outras áreas do conhecimento não contempladas antes se dá em grande parte em função da especialização em nível de pós-graduação em outras áreas por parte dos professores do Curso.

Partindo das linhas gerais que já definiam a Teoria Museológica na UNIRIO desde o projeto curricular de 1996, o novo projeto tende a aplicar as premissas anteriores ao contexto prático do Brasil, deixando em segundo plano a perspectiva holista para se voltar aos particularismos da realidade brasileira. Volta-se a fazer referência aos paradigmas de uma disciplina dita “tradicional” e à Museologia dita “nova” (Almeida, Sá, Chagas, 2006: 40) – já superados no projeto curricular de 1996 – e apropria-se dos princípios da Nova Museologia para discutir uma teoria aplicada à prática dos museus no Brasil, destacando conceitos como o do “caráter inclusivo” dos museus e o de “afirmação identitária” (Almeida, Sá, Chagas, 2006: 42), entre outros que não faziam parte dos aspectos que figuravam nos currículos anteriores como integrantes da formação em Museologia.

O projeto de Reformulação Curricular de 2006 é implantado em 2008, no entanto, uma Proposta de Alteração da Matriz Curricular (Saladino, Almeida, Sá, Chagas, 2010) é apresentada em 2010 e implantada nesse mesmo ano, visando a criação e implantação do Curso de Museologia noturno, com o mesmo currículo do Curso integral, cujo projeto havia sido coordenado por Alejandra Saladino, Cícero Antônio Fonseca de Almeida, Ivan Coelho de Sá e Mário de Souza Chagas. Mantendo o mesmo referencial teórico do projeto de 2006, a proposta de 2010 amplia as disciplinas teóricas com a criação de oito disciplinas optativas,

24 Novamente, os autores citados são aqueles que aparecem ao menos duas vezes ou mais nos programas consultados.

Fundamentos de um campo disciplinar:
perspectivas sobre o desenvolvimento da Teoria da Museologia no âmbito dos cursos de graduação da UNIRIO

que perpassam temas ligados a relações contemporâneas entre os museus e as sociedades, temas estes que são identificados por alguns dos professores do Curso como conteúdos da dita Museologia Social (Saladino, Almeida, Sá, Chagas, 2010: 40). Entre essas disciplinas, que unem a Teoria Museológica conhecida a questões sociais e a teorias e métodos da Sociologia e da Antropologia, destacam-se as inéditas Etnomuseologia I e II, Museologia Social Urbana I e II, Museus e Memória dos Movimentos Sociais no Brasil I e II, e Museologia e Território.

Desenha-se um novo quadro de disciplinas teóricas que são o resultado direto da assimilação das teorias e correntes do pensamento museológico internacional às questões, reflexões e problemas específicos da realidade brasileira. Concomitantemente, delinea-se um novo olhar sobre a Teoria Museológica que é o resultado do desenvolvimento dos conhecimentos museológicos ao longo dos anos de existência do Curso de Museologia e da ligação profícua entre teoria e prática, sendo ressaltado o papel da primeira no aprimoramento da segunda.

3. Os contornos da Teoria Museológica brasileira como resultado de teorias múltiplas

A partir da análise histórica do desenvolvimento dos currículos dos Cursos de Museologia da UNIRIO (Integral e Noturno), somos confrontados com o panorama vasto das diferentes abordagens da Teoria Museológica ensinada como os fundamentos da Museologia brasileira. O forte empenho dos teóricos brasileiros em disseminar a Teoria Museológica produzida e discutida nos fóruns internacionais levou ao ensino sistemático de uma via teórica no Brasil. Hoje, diante do fortalecimento sem precedentes da Museologia acadêmica, em função sobretudo da multiplicação dos cursos de Museologia nos últimos dez anos, a Teoria Museológica ensinada na UNIRIO pode ser entendida como o resultado do encontro e da assimilação das múltiplas teorias ou vertentes teóricas que povoaram a disciplina desde o final do século XX até o presente.

Ao longo dos anos em que o Curso de Museologia se consolidou, provou-se a impossibilidade de se ensinar uma só Teoria da Museologia, diante da real diversidade das perspectivas teóricas reconhecidas como tal. As diferentes correntes de pensamento que compõem os conteúdos das disciplinas de Teoria Museológica na UNIRIO – desde a Museologia “icofomiana”, Metamuseologia, à Sociomuseologia ou Museologia Social – contribuem para uma formação reflexiva e polivalente do museólogo nos Cursos do Rio de Janeiro.

Com efeito, até o presente a Museologia vem sendo ensinada e praticada como um campo disciplinar específico, com pretensões de se tornar um campo científico. A clara contraposição entre uma prática diversa organizada segundo as necessidades das instituições e uma possível ciência bem fundamentada é diretamente endereçada no primeiro número dos *Museological Working Papers*, publicado pelo ICOFOM, em 1980. A primeira conclusão apresentada nessa publicação, a partir das opiniões de diversos profissionais de museus do leste europeu nos anos 1970, generalizadas por Villy Toft Jensen, foi a de que “uma única museologia comum não existe”²⁵. As reflexões internacionais que tiveram

25 Villy Toft Jensen resumiu o resultado de uma pesquisa em museologia realizada entre profissionais de museus europeus durante o ano de 1975, que foi apresentado nos *Museological Working Papers*, em 1980. Cf. JENSEN, Villy Toft. *Museological points of view – Europe 1975*. In: *MUWOP: Museological Working Papers/DO-*

início nos anos 1960 e foram disseminadas no Brasil a partir da década de 1980 nos levam a perguntar a que nos referimos como Teoria Museológica, afinal.

A partir dos nomes de autores citados nas diferentes propostas de Reformulação Curricular aqui estudadas, fica evidenciado um traço particular daquilo que geralmente é interpretado como Teoria Museológica no Brasil. A Teoria, em geral, é percebida como o conjunto de estudos teóricos e práticos sobre os museus e a Museologia, e os textos ou ensaios dos agentes da prática são recorrentemente tomados como “teoria” e equiparados a pesquisas desenvolvidas pelos pensadores ou “teóricos” do campo.

Essa característica marcante do desenvolvimento da Teoria Museológica no Brasil, isto é, a interpretação de profissionais e autores que se voltaram para a prática museal como “teóricos da Museologia”, considerando os seus textos teórico-práticos como referências de uma Teoria da Museologia, também se vê em relação ao plano internacional. Este é o caso de autores como André Desvallées e Mathilde Bellaigue, que não são considerados teóricos em seu país de origem e se autoproclamam como agentes da prática, mas que são reconhecidos como pensadores ou teóricos no Brasil.

Esses diferentes olhares constituintes da Museologia ou Teoria Museológica considerados pelos Cursos de Museologia da UNIRIO atestam o caráter teórico-prático diverso do projeto pedagógico que vem vigorando, ainda que considerando as diversas transformações aqui analisadas. Tal diversidade do pensamento brasileiro foi responsável por constituir uma base para se pensar e ensinar a Museologia no país.

O modelo curricular – e, também, epistemológico – da Museologia na UNIRIO, foi adotado como uma das principais referências para uma parcela considerável dos novos cursos brasileiros criados por incentivo do REUNI²⁶, seja em sua configuração inicial ou nas adaptações de seus projetos político-pedagógicos²⁷. Em 2001, o Conselho Nacional de Educação do Ministério da Educação cria um novo currículo mínimo para os cursos de Museologia do país, recomendado pela Rede de Professores do Campo da Museologia²⁸ e fortemente influenciado pelo curso da UNIRIO. Nesse documento, entre as competências previstas para os formandos dos cursos está “compreender o Museu como fenômeno que se expressa sob diferentes formas, consoante sistemas de pen-

TRAM: *Documents de Travail en Muséologie*. Interdisciplinarity in Museology. Stockholm: ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM/Museum of National Antiquities, v. 2, 1981. p.9.

26 Plano de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais, iniciado em 2003.

27 Como exemplo podemos citar os cursos de graduação das Universidades Federais de Pelotas (UFPel), de Ouro Preto (UFOP), do Recôncavo da Bahia (UFRB) e de Sergipe (UFS). Tendo os dois primeiros adotado o modelo da UNIRIO como referência na primeira versão do projeto e os dois últimos na primeira reforma do projeto pedagógico. Esse número equivale a um terço dos novos cursos criados no período de 2006 a 2010. Depois de 2010 foram criados mais dois cursos (Universidade Camilo Castelo Branco e Faculdade de Educação Ciências e Artes Dom Bosco de Monte Aprazível) que ainda não iniciaram formação de turma. Os artigos de Oliveira, Costa e Nunes (2012) e de Oliveira, Costa, Mendonça e Nunes (2012) ao analisar os perfis dos cursos de graduação e proposta de diretrizes para um currículo, apesar de não afirmarem tal questão, permitem observar até o ano de 2010 pontos de intercessão do projeto pedagógico da UNIRIO com um número maior de cursos.

28 Criada em 2008, a Rede é responsável por dar início à discussão sobre os parâmetros da Museologia e sua formação efetivamente em âmbito nacional.

Fundamentos de um campo disciplinar:
perspectivas sobre o desenvolvimento da Teoria da Museologia no âmbito dos cursos de graduação da UNIRIO

samento e códigos sociais”²⁹. Tem-se aí expressa a clara influência do Currículo de 1996 na elaboração do Currículo Mínimo para a formação em Museologia.

Hoje, diante de um quadro ainda mais complexo em que não só os cursos de graduação se multiplicam, mas também os cursos de pós-graduação *stricto sensu* – o primeiro no Rio de Janeiro (2006), o segundo em São Paulo (2012) e os dois mais recentes na Bahia (2013) e no Piauí (2013) – a Museologia brasileira busca se tornar um campo de pesquisa autônomo, capaz de criar os seus próprios caminhos ao explorar as bases teóricas existentes. Os percursos são múltiplos no exercício constante de se pensar a Museologia em relação às transformações dos modos de concebê-la e dos nossos próprios olhares sobre esse campo de teorias e práticas.

Referências:

ALMEIDA, C. A. F.; SÁ, I. C.; CHAGAS, M. de S. *Projeto de Reformulação Curricular do Curso de Museologia*. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro, julho/outubro de 2006. Consultado nos Arquivos da Escola de Museologia, UNIRIO.

BARROSO, Gustavo. *Introdução à Técnica de Museus*, 2v. Rio de Janeiro: Olímpica, 1946.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Diretrizes Curriculares para os cursos de Museologia*. Resolução CNE/CES 21, de 13 de março de 2002.

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES 492/2001, publicado no *Diário Oficial da União* de 9 de julho de 2001.

BRASIL. Conselho Nacional de Educação. Câmara de Educação Superior. *Orientação para as Diretrizes Curriculares dos Cursos de Graduação*. Parecer CNE nº 776/97, de 3 de dezembro de 1997.

BRASIL. Conselho Federal de Educação. *Currículos Mínimos cuja observância é obrigatória a partir do ano letivo de 1970*. Resolução C.F.E. 14, de 27 de fevereiro de 1970.

BRASIL. Ministério da Educação e Saúde. Museu Histórico Nacional. *Instruções para matrículas no Curso de Museus*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941.

BRULON-SOARES, B.; CARVALHO, L. M. de, CRUZ, H. de V. O nascimento da Museologia: confluências e tendências do campo museológico no Brasil. pp.242-260. In: MAGALHÃES, A. M.; BEZERRA, R. Z. *90 anos do Museu Histórico Nacional em debate (1922-2012)*. Rio de Janeiro: Museu Histórico Nacional, 2014.

D’ESPEZEL, Pierre & HILAIRE, Georges. Avant-propos. *Musées. Les Cahiers de la République des Lettres des Sciences et des Arts* [Cadernos da República das Letras das Ciências e das Artes], Paris, n. 13, 1931.

DESVALLÉES, André & MAIRESSE, François. *Dictionnaire encyclopédique de mu-*

29 Cf. BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. Parecer CNE/CES 492/2001, publicado no *Diário Oficial da União* de 9 de julho de 2001. p.50.

séologie. [Dicionário enciclopédico de museologia]. Paris :Armand Colin, 2011.

ICOM/ICTOP – Museum Training as Career-long Learning in a Changing World (career development: a shared responsibility) [Formação em Museus como o aprendizado de uma carreira em um mundo em transformação (desenvolvimento de carreira: uma responsabilidade compartilhada)].

MUWOP: Museological Working Papers/DOTRAM: Documents de Travail en Muséologie. [Documentos de trabalho em Museologia]. *Museology – Science or just practical museum work?* Stockholm: ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM; Museum of National Antiquities, v. 1, 1980.

MUWOP: Museological Working Papers/DOTRAM: Documents de Travail en Muséologie. [Documentos de trabalho em Museologia]. *Interdisciplinarity in Museology*. Stockholm: ICOM, International Committee for Museology/ICOFOM/Museum of National Antiquities, v. 2, 1981.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de; COSTA, Carlos Alberto Santos; NUNES, Gilson Antônio. Perfil dos Cursos de Graduação em Museologia do Brasil. In: OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures; OLIVEIRA, Luciane Monteiro (Org.). *Sendas da Museologia*. Ouro Preto: UFOP, 2012. cap 4, p. 41-66.

OLIVEIRA, Ana Cristina Audebert Ramos de; COSTA, Carlos Alberto Santos; Mendonça, Elizabete de Castro; NUNES, Gilson Antônio. Proposta de diretrizes para um currículo referência de formação de graduação em Museologia - bacharelado. In: OLIVEIRA, Ana Paula de Paula Loures; OLIVEIRA, Luciane Monteiro (Org.). *Sendas da Museologia*. Ouro Preto: UFOP, 2012. Cap. 4, p.67-90.

REINWARDT STUDIES IN MUSEOLOGY – The Management Needs of Museum Personnel. *Proceedings of the Annual Meeting of ICTOP* [A gestão de necessidades do pessoal do Museu. Procedimentos do Encontro Anual do ICTOP], Leiden, Sept. 24/Oct. 2, 1984.

RIVIÉRE, Georges-Henri. *Stage regional d'études de l'Unesco sur le role éducatif des musées* [Estágio regional de estudos da Unesco sobre o papel educativo dos museus] (Rio de Janeiro, 7-30 septembre 1958). Paris: Unesco, 1960.

SÁ, Ivan Coelho. História e memória do Curso de Museologia: do MHN à Unirio. *Anais do Museu Histórico Nacional*, Rio de Janeiro, v. 39, p.10-42, 2007.

SÁ, I. C.; TOSTES, G. O.; MARTINS, L. C. (org.). *Matrizes curriculares do Curso de Museologia da UNIRIO*. Núcleo de Memória da Museologia no Brasil (NUMMUS). Projeto de Pesquisa Recuperação e Preservação da Memória da Museologia no Brasil. Rio de Janeiro, 2012-2013.

SALADINO, A.; ALMEIDA, C. A. F.; SÁ, I. C.; CHAGAS, M. de S. *Proposta de alteração da matriz curricular do curso de Museologia (turno integral) e de implantação do curso de Museologia no turno da noite*. Elaborado pelo Núcleo Docente Estruturante da Escola de Museologia. Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro – UNIRIO. Rio de Janeiro, março/maio 2010.

SCHEINER, T. & PANTIGOSO, M. G. *Projeto de Reformulação Curricular*. Escola de Museologia, UNIRIO/CCH, Rio de Janeiro, novembro de 1995/agosto de 1996.

Consultado nos Arquivos da Escola de Museologia, UNIRIO.

ŠOLA, T. Prilog mugucoj definicijimuzeologije, *Informatica Muzeologica* [Informática Museológica], n. 67-69, vol.3-4, pp.35-36, 1984.